

O QUE DIZER A MEU NETO

Folha de S. Paulo
Artigo publicado em 08.09.99

Nasceu meu primeiro neto varão. Leva meu nome, herdado de meu avô. Isso me faz refletir intensamente para além dos meus dias aqui e é impossível fazê-lo sem voltar meu olhar para o passado. Lembro que um dos ensinamentos fundamentais que vêm, de geração em geração, da minha família de imigrantes italianos, da “pianura padanna”, é o valor do trabalho, sério e construtivo. De cada dez lições que recebi de meu pai, oito eram sobre isso, e em todas citava meu avô, que possivelmente tinha citado meu trisavô, todos Aristodemo. O trabalho era a liberação... Foi assim que meu “nonno” – imigrante, que chegou aqui para substituir a mão-de-obra escrava, como quase todos os italianos que aportaram no Brasil no fim do século 19 – tornou-se um cidadão livre e respeitável, “estudou” todos os filhos e morreu cercado de carinho e admiração.

O que posso dizer sobre essa virtude para o meu neto, hoje, quando o trabalho significa, para a maioria do povo brasileiro, o caminho da escravidão e, às vezes, até pior, o encontro trágico com o desemprego?



O artigo coincide com o nascimento do primeiro neto homem do autor, que leva o seu nome. Relembra suas origens e o exemplo de trabalho que a imigração italiana trouxe ao Brasil. E pergunta o que ele pode dizer ao neto quando hoje o trabalho significa, para a maioria do povo brasileiro, o caminho à escravidão e, às vezes, um encontro trágico com o desemprego. Faz uma análise da conjuntura desse ano pré-eleitoral e termina dizendo que, para não estimular que o neto mais tarde mude de País, é importante dizer, em alto e bom som, ao povo brasileiro, que desconfie das falsas elites, submetidas, docilmente, ao processo de globalização imposto pelas elites financeiras, nacionais e internacionais, que acabaram por inverter, não só valores e princípios, mas também, processos de luta. Não são mais os pobres que lutam contra os ricos, mas os ricos que transformam os pobres em “Beta menos” de Huxley, aliviando a sua revolta com doses de “Soma” tão bem fabricadas pelo consenso de certa mídia com o capital.

O exemplo do trabalho serve para as demais virtudes morais e éticas. Se hoje as analisarmos de modo informado e lógico, a vontade que temos é pedir que soltem o vereador de São Paulo que foi preso, pois sua punição não foi, como deveria ter sido, o início de um processo de limpeza ética, mas, infelizmente, apenas a imolação de um bode expiatório num falso altar de moralidade, para que os outros se salvassem. Um deputado clamava outro dia: “Estou de alma lavada”. Não se pode lavar a alma com a prisão ou cassação de um ou dois vereadores e encerrar, às pressas e às escondidas, uma CPI sem perguntar quem os “autorizou” a cometer extorsões, que outros faziam a mesmíssima coisa e onde estão.

E os macrocrimes, como ficam? O Sivam/Raytheon, que doou a Amazônia junto com 30 mil empregos para os americanos? A Lei das Patentes, que doou aos Países centrais 60 mil bons empregos, acabou com a indústria farmacêutica brasileira e fez aumentar o preço dos remédios em 140%? O escândalo da reeleição, que foi abafado com outros dois bodes expiatórios, quando era voz corrente no Congresso que havia provas contra muitos outros, incluindo até cheques assinados? O escândalo da venda das teles, a forma desonesta e lesiva de privatizar, que feriu de morte a soberania do País, tão bem desnudada no livro de Aloysio Biondi? O velho e imoral privilégio das empreiteiras que colaboram em campanhas, manifestado outra vez e recentemente nas obras do atual governo de São Paulo, acresce-se a esse infindável rosário de evidências, abafadas uma atrás da outra.

Como posso ensinar ao meu neto o que venho praticando desde sempre, a defesa da saúde e da educação como direitos, quando, com o tucanato neoliberal de plantão em São Paulo, elas viraram mercadorias compradas em balcões de negócios, tendo sido abertas até segundas portas nos bons hospitais públicos, onde quem tem

dinheiro é atendido sem filas e de forma diferenciada?
E mais, com essa prática alguns profissionais usam
os próprios públicos para ganhar dinheiro privado.
Estatizam-se as despesas e privatizam-se os lucros.

Nesta reflexão chego ao presidente da República,
que tenho criticado severamente. Percebo que ele também
é apenas um instrumento desse processo. Sozinho não
poderia ter feito todo o estrago, doado o patrimônio do
País, aumentado oito vezes a dívida, empobrecido o povo
e piorado a concentração de renda, destruindo o futuro dos
nossos netos. É tarefa muito grande para um só homem.

O que existe hoje é um verdadeiro pacto macabro das
falsas elites brasileiras, que, submetidas docilmente ao
processo de globalização imposto pelas “verdadeiras”
elites – as internacionais –, inverteram não só valores e
princípios, mas também, e totalmente, o processo de luta.
Não são mais os pobres que lutam contra os ricos, mas
os ricos que lutam contra os pobres, vencendo-os e os
transformando em párias, tais como os “Beta menos”
de Huxley, cujas dor e revolta devem ser aliviadas com
doses de “Soma”, tão bem fabricada pelo consenso de certa
mídia com o capital. São essas mesmas elites que vêm
escolhendo e descartando presidentes e regimes políticos.
Foram elas que fizeram a transição democrática, não pelo
apego à liberdade, mas porque a ditadura deixou de lhes
servir -era nacionalista demais e mais séria do que se
pensava. Usaram o argumento da democracia para
convencer o povo, mas continuaram escolhendo e
demitindo governantes. Escolheram FHC, que tinha
todas as características para exercer o papel de
“intelectual de esquerda” e fazer reformas de direita,
atendendo aos interesses do capital. Agora, já estão
permitindo que seja imolado, não porque tenha intenção
ou possibilidade de atender aos interesses do País ou do
povo, mas porque foi escandalosamente competente ao
proteger o capital e concentrar renda e menos eficiente

Não são
mais os
pobres
que lutam
contra
os ricos,
mas os
ricos
que
lutam
contra
os pobres



do que devia ao gerenciar o que sobrava para oferecer um mínimo de condição de vida ao povo, que acabou se rebelando. Do jeito que as coisas vão, mata-se a galinha dos ovos de ouro.

Começam agora a escolher seu sucessor para, maquiavelicamente, mudar novamente as aparências e manter a essência. Ele será tão ruim ou pior, porque pode pertencer a uma parcela do tucanato que, cometendo os mesmos crimes, consegue ainda manter uma falsa aparência de seriedade, ou a outras forças de direita que se fingem de oposição. Estão também alimentando, de “stand by”, algumas áreas palatáveis de esquerda que pertencem à elite ou que foram “quebradas” por diferentes formas de persuasão.

Para não dizer ao meu neto que mude de País rapidamente, preciso dizer, em alto e bom som, ao povo brasileiro que desconfie das suas falsas elites e às verdadeiras elites intelectuais e empresariais que se mirem no exemplo dos caminhoneiros e abandonem essa posição cômoda de observadores descompromissados para assumir seu papel político, antes que seja tarde demais.